

MEMÓRIAS DA TRANSFIGURAÇÃO: REDIZENDO A FONTE GRANDE

Castiel Vitorino Brasileiro 1

“Assim como aquela senhora hopi que conversa com a pedra, sua irmã, tem um monte de gente que fala com montanhas”.

Ailton Krenak, 2019.

Continuando uma promessa

Meu avô paterno, Bininho/Benedito Brasileiro, jurou a quem quisesse o ouvir, que nunca deixaria de morar onde nasceu. Em 1949, vovô nasceu de parteira no alto da montanha que é o morro da Fonte Grande, lá onde há as últimas casas do bairro, local nomeado por nós (moradores) de Boca da Mata. Ali, onde com ele morei até o início de minha adolescência, é também o momento tempo-espacial, onde a fisicalidade dessa comunidade biótica transfigura-se para uma floresta ainda mais fechada, escura, úmida, quente e gelada. A Boca da Mata é um dos principais marcos geográficos do morro, para nós *fontegrandenses*, que anuncia outros momentos da montanha, outros momentos dessa Floresta Atlântica que nos acolhe desde o século XVII.

Pois há cerca de 400 anos essa montanha é local de refúgio para pessoas em diásporas africanas e indígenas que fogem da racialização de suas existências, e criam ali promessas de libertação e confirmam profecias de liberdade. A montanha desde sempre acolheu aquelas/es que fugiram da escravidão e da capitalista república brasileira. Mas a montanha, assim como nós que fugimos para cá e nela fincamos outras raízes, é também outra coisa que não aquela que acontecia aqui antes da colonização se fazer presente; com nossas migrações. É que essa montanha, que hoje nomeamos de Fonte Grande, faz parte de um bioma que antecede qualquer presença ocasionada pelos acontecimentos coloniais nesse território cuja sua delimitação e nomeação - essas que criamos na língua do colonizador e as utilizamos - também só nos é possível e necessária enquanto estivermos compreendendo tal bioma a partir da linearidade que a modernidade nos impõe como ferramenta de análise e interferência vital; e a vitalidade em todas as suas espécies e reinos. Quero então não esquecer de quando a montanha não tinha nome, para também me fazer lembrar de como desapegar de meus nomes; me desapegar da nomeação.

Mas as construções de nossas casas nessa montanha não são colonizações, porém só existem porque ainda acontecem os traumas raciais; mas não só por motivos traumáticos aqui chegamos e não só por esses traumas aqui nos ficamos, porque nossas interferências nesse meio ambiente são outras que não a de roubo e estupro das vidas (em seus diversos reinos e espécies). No século XVII essa montanha começou a ser local de fuga para pessoas escravizadas, que ao chegarem aqui modificaram a fauna e flora, integraram-se e foram integradas pela cadeia alimentar, e construíram nossos primeiros quilombos.

Fonte Grande - nomenclatura e modos de viver - só pode ser compreendida enquanto uma *consequência* se for pensada no contexto (de linearidade) da racialização a qual está inserida e a qual a fez ser possível e preciso. Pois então prefiro perceber a construção desse morro como uma *interferência* nas rotas/mapas coloniais, e nas perambulações orientadas pela escravidão e capitalismo, que funcionam em raptos intercontinentais e também feitos dentro outras bocas de matas desse país.

O exercício cognitivo e emocional de se imaginar o que poderia ter sido esse território se as caravelas portuguesas aqui não estivessem chegado e prosperado não é meu principal desejo aqui - neste momento vital que experiencio com a escrita - mesmo entendendo que fabular o passado me é necessário já que também sou constituída pelo tempo linear, na medida em que desço do morro da Fonte Grande e sou arremessada na dinâmica urbana de tornar-se *negra*. Não que a Fonte Grande não seja um espaço urbanizado, mas o que aponto aqui é que quando mais se desce o morro mais nos aproximamos do tempo linear, e quando mais se sobe a Fonte Grande o que acontece é a incorporação e a corporificação de modos quilombolas de ser e interferir nesse meio ambiente (montanha) que integra territórios colonizados.

A consciência racial sempre existiu na Fonte Grande porque foi a consciência racial, fisicalizada em músculo, gesto, pensamento, desejo e coragem, que fez possível a montanha

torna-se Fonte Grande. No entanto, a questão que me interessa nesse instante é aquela que gira em torno dos espiralados momentos tempo-espaciais que se inauguram neste território, e fazem dele - em modos/acontecimentos efêmeros - locais possíveis para uma vida *exusiática* acontecer; ou seja: a vida num deslocamento radical da racialização, logo, da nomeação. Momentos tempo-espaciais onde a montanha deixa de ser Fonte Grande e eu deixo de habitar a raça e o gênero.

Bininho prometeu nunca sair do alto da Fonte Grande, mas a colonialidade que se fez presente com a guerra às drogas, e os conflitos entre facções rivais e entre policiais com tais facções, nos deixou numa vulnerabilidade nunca antes experienciada. Nossas casas estavam no meio do caminho onde toda semana aconteciam os tiroteios. Tiros entravam dentro de nossos quartos, salas e cozinhas. Foram tempos difíceis, momentos em que o capitalismo subiu o morro e modificou nossos parâmetros vitais, nossos modos de se relacionar com a vida em comunidade. O capitalismo, junto com o Estado, subiu na Boca da Mata e fez dali um local de matança/captura de pessoas negras (em sua grande maioria homens negros cisgêneros). Diante desses conflitos, nossa família decidiu descer o morro, mudar de casa.

Meu avô Bininho nunca mais foi o mesmo, porque seu local de morada nunca mais foi a Boca da Mata, e sim os pés do morro. E é aqui que escrevo, nos pés do morro. E escrevo ouvindo aquilo que meus pés desejam e conseguem me dizer. Porque a promessa que fiz à Bininho, foi continuar perambulando na Fonte Grande, enquanto me for necessário viver.

Em 2012 vovô perdeu uma de suas pernas, passou a andar de cadeira de rodas. Em 2018, ele começou a sentir os mesmos sintomas de dor que antecederam sua primeira amputação. Então no fim daquele ano, meu avô faleceu. A promessa que fiz a ele em seu leito de morte, no quarto da UTI, foi de subir e descer a Fonte Grande, enquanto eu estiver viva. Sussurrei isso aos seus ouvidos, estava ele dormindo ou em coma.

A promessa foi essa de continuar as perambulações que tornaram minha existência possível; aquelas iniciadas aqui no Brasil e em África por bantus, nagôs e jejes no século XVI. As perambulações feitas por minhas bisavós e tataravós, que chegaram aqui na Fonte Grande na primeira metade do século XX. Foi também aquela promessa de morrer na Boca da Mata. Ou, morrer todas as vezes que subir e entrar na Boca da Mata. Ou, fazer dessas perambulações, caminhadas a esses cemitérios.

Prometi ao meu avô Bininho morrer como ele desejou, e toda semana eu morro desse jeito. Nomeei esse sacrifício de O Trauma é Brasileiro¹.

Porque no fim, durante e no começo, minha promessa foi de continuar fugindo da racialização que se faz presente no processo de tornar-se *negra*; quanto mais desço o morro, mas foi lembrada de minha raça e meu gênero, e luto para poder às vezes esquecer-los. Porque nasci e fui criada na Boca da Mata da Fonte Grande, essa grande central montanha da ilha de Vitória/ES. Porque aqui é um local interferido e fundamentado pelas tradições Bantu de macumbaria. Esse é o motivo: continuar vivendo a outra situação de tempo que tornou a montanha Fonte Grande o que é, e marcou em mim histórias que antecedem a minha singular racialização mas que me anunciam que esse trauma racial também aconteceria comigo; como acontece com as pessoas de pele negra e avermelhadas que fugiram das plantações e criaram a Fonte Grande.

Vira-Mundo:

Aqui, quando eu era criança, fui, por Renato Santos, iniciada na banda de congo Vira Mundo. Aqui fui iniciada na tradição bantu de fazer da sonoridade que conduzem gestos e gestualidades que criam sons, cultos às vidas *exusiáticas*, às vidas *kalungueiras*, vidas *encabuladas*...

Na banda de congo Vira-Mundo eu aprendi a encantar objetos quando com 10 anos de idade cronológica Renato me lembrou de como tocar tambor e casaca. Eu *erê* lembrei que a sonoridade tem a força de fazer de mim uma espacialidade de 420 anos; é essa quantidade de tempo linear em que as Congadas acontecem no Espírito Santo, mas não é esse o tempo que me interessa enquanto escuto o congo que nós tocamos. Ou talvez me interesse e eu me

1 ver: <https://castielvitorinobrasileiro.com/Trauma>

desinteresse e me reinteresse e assim continua durante o transe que vivo enquanto a congada acontece. Porque enquanto toco tambor e casaca às vezes esqueço da linearidade... é como se eu entrasse numa espiral! Minha pele toca na pele do bicho que foi sacrificado e meu músculo se contrai para criar sons com a árvore que também morreu no tempo encruzilhado; porque morreu como transfiguração, e não foi esquecida, e não se esqueceu.

As congadas não existem sem nossos sacrifícios e oferendas. Não me lembro de haver crianças brancas em nossa banda de congo. O que me importa agora é lembrar que alguns de nós faleceram com a guerra do tráfico. Alguns desses meninos negros foram assassinados e encarcerados. E eu deixei de ser um menino, também morri... mas um outro tipo de morte...e todas/os nós continuamos vivas/os... também cada qual com sua forma e o seu modo...

A música e a dança das congadas são alguns rituais bantu que abrem na Fonte Grande portais de acesso ao tempo encruzilhado ou espiralar como Martins (1997) prefere nomear. Esse tempo de *kalunga* onde memórias/almas fisicalizam-se em nós e nos fazem gestualizar de modos líquidos... é que o corpo se dilui... a imagem é exatamente essa, a da diluição... o corpo físico mistura-se às águas salgadas ou geladas-doces que nascem na grande montanha e caminham para o mar que cerca Vitória... Vitória é uma ilha. Quando morava na Boca da Mata, tinha medo do apocalipse cristão se fazer como um dilúvio. Então eu *erê* criei uma imagem em mim de que uma grande onda chegaria em Vitória, e o único lugar que ela não iria alcançar seria o alto dessa montanha, onde eu morava. Mas no tempo *exusiático* não há previsões de tempo, porque o que há é apenas o agora. Nada se foi, nada será. Meu medo do dilúvio é o medo e permanecer no alto da Fonte Grande é minha estratégia de sobrevivência. Medo e sobrevivência... então as ondas realmente acontecem.

...insondáveis. Porque as congadas são a permanência das celebrações de uma vitalidade que preexiste à escravidão e à racialização. O corpo de carne e osso que viveu o Atlântico antes do mar ser recontado como lugar de esquecimento, é corpo esse que viveu o seu envelhecimento e apodrecimento de sua carne antes de conhecer o esquecimento que nos Novos Mundos nomeamos de morte. A morte aqui no Novo Mundo não é nada além do esquecimento, talvez essa seja a mentira mais sincera que nos continuam contando: que morrer é ser esquecida/o e matar é apagar da memória.

A congada é feita de transfiguração: a madeira é modificada, transforma-se em instrumentos musicais, o animal mamífero é sacrificado e sua pele transfigura-se em tampa do tambor onde bato minhas patas preenchidas de sangue quente que se aquece enquanto realizo o som que nos faz lembrar que ainda podemos e precisamos continuar nossa transfiguração. Na congada o mundo vira, vira mundo! O mundo racial transfigura-se na congada porque meu corpo preto vive outra história que não a do esquecimento, por isso o Mundo vira, por isso sou Vira Mundo.

Na congada eu inverte-me na temporalidade Bakongo, escolho viver a morte do sol e mergulho em direção à *kalunga*, ao mundo dos mortos, o mundo das lembranças, o mundo das almas, o mundo insondável, indizível, inominável, como Tiganá Santana (2019) tanto me ensina com suas feiticeiras traduções.

Nesse mundo invertido ou desfigurado, minha cor se confunde com a escuridão do mar abissal. Na *kalunga*, minha cor e meu corpo transmutado tem outra história que não as contadas pela raça e pelos gêneros. Aqui sou uma *travesti negra*, e lá já não lembro meu nome. Mas o tempo encruzilhado não é o paraíso, é só outro tempo... com seus desafios e deleites...

A questão é que encruzilhada é uma de nossas respostas para a linearidade. A questão é que a banda de congo Vira Mundo existe até hoje, assim como o Novo Mundo persiste... é assim que o Brasil funciona. A questão é que enquanto aqui estiver, o cotidiano traumático continuará acontecendo. "O racismo no Brasil é uma questão adiada" foi mais ou menos assim que meu mestre Renato me disse. A questão é que...

Um certo dia

feche os olhos

porque? Desculpa, não gosto de te questionar. Mas estou fraca hoje, desorientada da mente. Quando meu *ori* fica desequilibrado eu começo a te questionar, porque não consigo te escutar direito.

E ela me fez lembrar de respirar e esperou o ar entrar em meu corpo para cumprir em seu rito de alimentação.

Por favor, se acalme e feche os olhos. Preciso que você feche os olhos.

“respire... deixe o corpo esfarelar-se aqui. Pare de pensar e apenas respire” foi o que eu disse a mim mesma enquanto tomava coragem para fechar meus olhos. A respiração torácica foi iniciada, como geralmente acontece. Respirava fundo entre meus peitos inchados; tomar hormônios os deixam assim: grandes e doloridos.

Solte seu corpo, de olhos fechados. Preciso que você não contraia os músculos como você faz também em pensamento quando está com medo.

Tudo bem. E agora?

Pergunte-se novamente sobre o que você tem medo.

Tá bom.

Respirei fundo entre os peitos e conduzi o ar para meu umbigo. A respiração virou abdominal, e me senti vulnerável. Respirar com o centro de minha barriga me exige menos esforço... chegam momentos em que a respiração fica incrivelmente e profundamente sutil e esqueço que estou respirando. Sinto um prazer maravilhoso respirando assim...

Tenho medo da responsabilidade.

Sobre o que?

A responsabilidade sobre tudo aquilo que sei ser verdade em mim. Tenho medo de mim.

Senti ela concordando comigo. Meu coração palpitou acelerado, mas respirei fundo, relaxei meus ombros, meu pescoço, meus músculos faciais. Respirei fundo entre os peitos e novamente abri meu umbigo para receber o ar. Meu crânio ainda estava latejando, mas não doía, era apenas um outro sintoma do medo de ouvir algo ruim depois de eu ter dito a verdade.

Olha, vou ser direta com você: ou você aceita quem você se tornou, ou não podemos continuar juntas. Porque você lembrou do que nasceu pra ser.

Sei que sou uma negra travesti benzendeira, falo isso aos quatro ventos e pra quem quiser ouvir. Mas é também como se meu corpo não estivesse preparado para ouvir de você a confirmação do que sou.

Você já conversou com Exú sobre isso, ele te disse pra ter coragem. Preciso que você entenda o que estou te dizendo e tome uma decisão: aceite que fui eu quem lhe permitiu e conduziu à transmutação e converse comigo em verdade que agora é ou me abandone. Não consigo continuar com você se você tiver medo de você ou de mim, porque nossas vidas estão interligadas. Eu entendo sobre gênero e racialização, fui sequestrada e assassinada, não me subestime quando digo que te amo e te entendo.

Desculpe. É que os últimos dias estão sendo uma desgraça pra mim e fui interrompida por um silêncio provocado por uma suspensão no ar.

Não há de se plantar culpa. Precisamos nos tornarmos responsáveis. O que é o corpo-flor?

Respirei fundo.

Uma promessa... corpo-flor foi uma promessa que fiz a mim mesma: sempre que eu criar uma forma, ela será diferente da anterior. Tenho medo de não cumprir essa promessa porque ela me cansa.

Você é uma *travesti negra*. O que enxerga agora de olhos fechados?

O escuro.

respire, e perceba um pouco mais.

Não consigo dizer. Não consigo explicar. Sou eu... me enxergo.

Você é insondável, seu nome não importa.

Mas mudei de nome e você me respeita... sempre me respeitou!

Vou embora por hoje.

Eu sou sua filha. Nasci de você.

Quem nasceu?

Eu

E morreu quando?

Hoje, agora, ontem... todos os dias eu morro, como acontece com o sol!

Você utiliza bem as palavras, mas às vezes esquece que há lugares em que elas não importam.

Você está indo embora?

Referências

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória: o reinado do rosário do jatobá**. São Paulo: Perspectiva, Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, Tiganá Santana Neves. **A cosmologia africana dos Bantu-Kongo por Bunseki Fu-Kiau: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil**. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019.

Recebido em 6 de outubro de 2020.

Aceito em 15 de outubro de 2020.